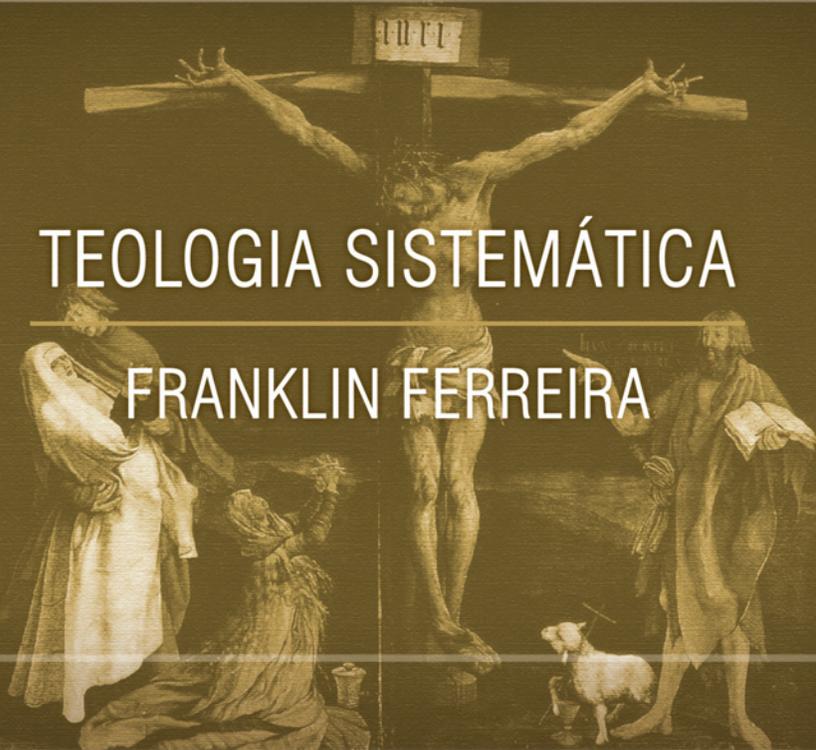




Curso Vida Nova de Teologia Básica

TEOLOGIA SISTEMÁTICA

FRANKLIN FERREIRA

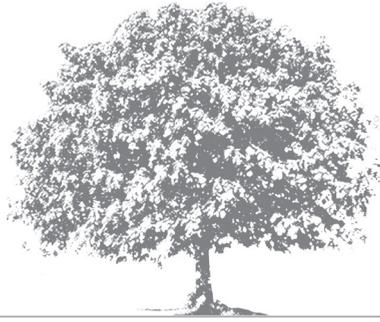


Em geral, as bases e estruturas de uma casa ficam ocultas sob suas paredes. Mas seja a casa bela ou feia, grande ou pequena, simples ou complexa, uma casa sempre é construída sobre determinadas bases e estruturas. Com a teologia não é diferente. Seja a teologia clara ou obscura, arcaica ou contextualizada, simples ou complexa, ela jamais pode prescindir das bases e dos pressupostos que a fundamentam.

Embora toda teologia seja construída sobre uma base, existem teologias que se preocupam em lançar bases mais seguras. Ora, a ideia de morar em um palácio suntuoso pode ser tentadora, mas não há prazer que compense o risco que se corre em construções cujos fundamentos são frágeis. Em contrapartida, uma casa pode ser simples, mas se o fundamento é sólido, seus moradores estarão seguros. A proposta da Teologia sistemática, de Franklin Ferreira é justamente esta: apresentar de forma clara e simples os fundamentos das doutrinas centrais da fé cristã.

Além de possuir um vasto conhecimento teológico, o autor é um profundo conhecedor da história da igreja, bem como dos principais temas teológicos contemporâneos que têm questionado a relevância dos fundamentos da ortodoxia cristã. Estou convencido de que esta obra será de grande valia para aqueles que primam pela influência que a sistematização das doutrinas exerce tanto na exegese quanto na pregação da palavra de Deus.

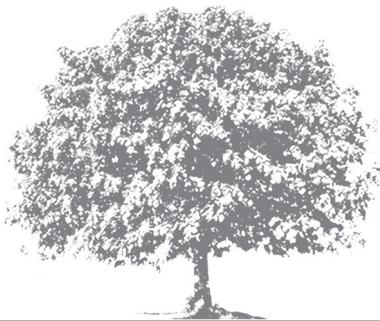
Jonas Madureira, Editor



Sumário

<i>Apresentação</i>	7
<i>Prefácio</i>	11
Introdução ao estudo sistemático da teologia cristã.....	15
1. Revelação geral e especial	41
2. Deus trino, criador e soberano.....	64
3. O ser humano e o pecado	96
4. A pessoa e a obra de Cristo	121
5. Vida no Espírito Santo.....	157
6. Comunhão dos santos	192
7. Vinda de Cristo	224
<i>Apêndice: documentos da igreja cristã</i>	253
<i>Glossário de teólogos e documentos cristãos</i>	265
<i>Enriqueça sua biblioteca</i>	274
<i>Bibliografia</i>	280

Para Jônatas: “O SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR!” (Jó 1.21).



Apresentação

Curso Vida Nova de Teologia Básica

Todos os cristãos precisam de teologia

Durante muito tempo a teologia esteve confinada nos círculos acadêmicos. Sua linguagem técnica e seu rigor científico impediam que o público leigo, não especializado, saboreasse a boa erudição bíblica. A parte que lhe cabia era ouvir longos sermões, que nem sempre atingiam o coração dos ouvintes, muito menos sua mente.

A distinção entre clérigos e leigos, sem dúvida, contribuiu para o surgimento desse abismo entre a teologia e os não iniciados no saber teológico. O estudo sobre Deus e sua relação com seu povo foi se tornando cada vez mais propriedade de uma elite intelectual.

As Escrituras, no entanto, apontam outro caminho. O povo de Deus, e não apenas uma parcela desse povo (os mestres), é chamado de “sacerdócio real”. Esse povo deve anunciar “as grandezas daquele que [o] chamou das trevas para sua maravilhosa luz” (1Pe 2.9). Todos estão obrigados a cumprir a Grande Comissão: fazer discípulos para o Mestre, ensinando-os a obedecer todas as coisas que ele ordenou (Mt 28.19, 20). Todos devem renovar a mente, para experimentar a “boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.2). Todos devem estar preparados para “responder a todo aquele que [...] pedir a razão da esperança” que há neles (1Pe 3.15). Todos são instados a crescer não apenas na “graça”, mas também “no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2Pe 3.18).

A retomada do ensino bíblico do sacerdócio de todos os crentes, no entanto, não significa que Deus não tenha capacitado especialmente alguns para exercer determinados dons na igreja. O apóstolo Paulo afirma que



Deus “designou *uns* como apóstolos, *outros* como profetas, e *outros* como evangelistas, e ainda *outros* como pastores e mestres” (Ef 4.11). Esses especialmente capacitados, porém, não deviam guardar para si o depósito do conteúdo da fé. Eles tinham uma missão a cumprir:

... o aperfeiçoamento dos santos para a obra do ministério e para a edificação do corpo de Cristo; até que *todos* cheguemos à unidade da fé e do pleno *conhecimento* do Filho de Deus, ao estado de homem feito, à medida da estatura da plenitude de Cristo; para que não sejamos mais como crianças, inconstantes, levados ao redor por todo vento de doutrina, pela mentira dos homens, pela sua astúcia na invenção do erro; pelo contrário; seguindo a verdade em amor, crescemos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo.

Nele *o corpo inteiro*, bem ajustado e ligado pelo auxílio de *todas as juntas*, segundo *a correta atuação de cada parte*, efetua o seu crescimento para edificação de si mesmo em amor (Ef 4.12-16).

Essas passagens bíblicas mostram claramente que a teologia deve estar a serviço de todo o povo de Deus. Mais ainda: que todo o povo de Deus deve se beneficiar de todos os campos do labor teológico. Vejamos alguns exemplos:

1. Anunciar as grandezas de Deus (1Pe 2.9) requer preparo no falar. A parte da teologia que cuida da boa transmissão oral da Palavra de Deus é a homilética, cujos princípios não se aplicam somente à preparação de sermão, mas à comunicação da Palavra de Deus como um todo.
2. Não basta fazer discípulos, é preciso ensiná-los (Mt 28.19,20). Isso requer conhecimento das coisas de Deus (e esta é uma definição básica de teologia = estudo sobre Deus).
3. Estar preparado para “responder a todo aquele que [...] pedir a razão da esperança” que há em nós (1Pe 3.15) requer conhecimento bíblico e o exercício da “apologética” (um discurso de defesa da fé cristã bem embasado nas Escrituras).
4. Quando Pedro disse que os cristãos devem crescer “no conhecimento de [...] Jesus Cristo” (2Pe 3.18), ele estava, segundo o contexto, alertando-os a não se deixar levar pelos que “deturpam” as Escrituras (2Pe 3.14-17). Pedro também reconheceu que há passagens de difícil interpretação (v. 16). A hermenêutica é a parte da teologia que se encarrega de avaliar o sentido preciso de uma passagem bíblica, lidando com as “coisas difíceis”. Bem preparados, não seremos “levados [...] por todo vento de doutrina, pela mentira dos homens, pela sua astúcia na invenção do erro” (Ef 4.14).

É evidente, portanto, que todos nós, povo de Deus, precisamos de teologia. Todos nós precisamos aprimorar diariamente nosso conhecimento das Escrituras. Devemos ser realmente estudiosos da Palavra de Deus. E o labor teológico nos conduz a esses fins.



A importância e as vantagens do Curso Vida Nova de Teologia Básica

Edições Vida Nova reconhece o valor e a força da comunidade leiga de nossas igrejas. Nossa missão é levar conhecimento e preparo teológico a todo o povo de Deus. Pensando nessa parcela significativa de cristãos e com pleno conhecimento da necessidade do saber teológico para todos, temos o prazer de apresentar o Curso Vida Nova de Teologia Básica. Trata-se de um curso básico de teologia para leigos. Isso quer dizer que esse curso está desprovido do jargão teológico tradicional e de tecnicismos dessa área. É um curso perfeito para leitores que desejam conhecer um pouco de teologia numa linguagem informal, instrumental e não acadêmica.

O material é altamente didático e informativo. É de fácil assimilação. Os autores também se valem de perguntas para debate, que funcionam como questões de recapitulação, a fim de fixar na mente do leitor os pontos principais apresentados ao longo de cada lição. Como se diz em homilética: “A repetição é a mãe da retenção”. Quanto mais recapitulamos, mais fixamos o que aprendemos. Além disso, há uma bibliografia ao mesmo tempo concisa e precisa, conduzindo o leitor a obras que poderão auxiliá-lo em seu crescimento espiritual.

Todos os cristãos desejosos de crescer no “conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” se beneficiarão desse curso. Crentes bem preparados e conhecedores da Palavra de Deus farão das escolas dominicais, dos centros de treinamento de líderes e de outros ministérios voltados para o aperfeiçoamento do corpo de Cristo um espaço agradável de estudo e reflexão das Escrituras.

O currículo básico do curso inclui os seguintes assuntos:

1. Introdução à Bíblia
2. Panorama do Antigo Testamento
3. Panorama do Novo Testamento
4. Panorama da história da igreja
5. Homilética
6. Apologética cristã
7. Teologia sistemática
8. Educação cristã
9. Filosofia
10. Aconselhamento
11. Louvor e adoração
12. Ética cristã

Os próximos volumes previstos para lançamento são: Administração eclesial, Interpretação da Bíblia e Missões.

Teologia Sistemática

Neste sétimo volume da série, vamos estudar um tema importantíssimo para a igreja: Teologia Sistemática. O leitor não deve esperar encontrar neste volume “a” teologia sistemática definitiva. Trata-se, na verdade, de uma introdução à sistematização das doutrinas centrais da fé cristã.

Este volume pretende fornecer respostas às seguintes perguntas, entre tantas outras:

- O que é revelação geral? E revelação especial?
- O que diz a teologia sobre Deus?
- Como a teologia entende o pecado?
- O que ensina sobre a pessoa e a obra de Cristo?
- O que diz sobre a vida no Espírito Santo?
- O que significa a comunhão dos santos?
- O que diz a teologia sobre a vinda de Cristo?

Além de uma pesquisa bastante cuidadosa das Escrituras e da história da teologia cristã, o leitor é brindado com as visões de vários teólogos que ao longo da história se dedicaram a ensinar os princípios mais caros e essenciais da fé cristã.

Aproveite o Curso Vida Nova de Teologia Básica. Numa época em que se propagam tantas falsas doutrinas, nosso desejo é que este livro possa de fato ser um poderoso instrumento para a compreensão, a divulgação e o ensino das doutrinas centrais da fé cristã.

Os editores
Maio de 2013



Prefácio

Este livro que o leitor tem em mãos pode ser considerado o irmão caçula de *Teologia Sistemática*, publicada em 2007, por Edições Vida Nova, que escrevi em coautoria com meu amigo e mentor Alan Myatt. Nessa obra, discutimos as principais doutrinas da fé cristã, relacionando-as ao multifacetado contexto brasileiro. Agora, o objetivo é outro. Pretendo apresentar os temas essenciais da teologia cristã numa perspectiva ainda mais acessível ao entendimento do leitor. Além dos conteúdos referentes às doutrinas, há também um apêndice contendo três importantes documentos confessionais e um glossário com informações sobre personagens e documentos citados na obra que servirão de auxílio em sua leitura. Títulos de documentos grifados em itálico e nomes de pessoas com data de nascimento e morte entre parênteses são indicadores de que o leitor poderá consultar o glossário para obter mais informações sobre tal referência.

Como afirmou Karl Barth, em meados de 1946, numa série de palestras na Kurfürsten Schloss da Universidade de Bonn, na Alemanha, a teologia sistemática é “uma disciplina crítica, quer dizer, instaurada segundo a norma da Sagrada Escritura e segundo os fundamentos das confissões de fé.” A regra de fé (*regula credendi*) da teologia sistemática é a Palavra de Deus, inspirada e sem erro em tudo o que ensina e afirma. Em outras palavras, a Escritura é a *norma normans*, o critério absoluto e normativo da teologia cristã.

Uma teologia sistemática que pretende ser reconhecida como evangélica deve interagir com as confissões de fé da cristandade. Barth também disse que “a Sagrada Escritura e as confissões de fé não estão em um plano idêntico. Reservamos à Bíblia uma estima e um amor que não temos, no

mesmo grau, pela tradição, nem mesmo pelos mais valiosos de seus elementos.” “Mas”, como ele continua, “isso não retira nada do fato de que a Igreja escuta e aprecia o testemunho de seus pais. (...) Obedecendo ao mandamento ‘honra teu pai e tua mãe’, nós não nos recusaremos a respeitar, seja na pregação, seja na elaboração científica da dogmática, as afirmações de nossos pais.”¹ Portanto, ao afirmar as crenças e os valores que estão no cerne da fé evangélica, esta obra fará referência a textos de credos, confissões e catecismos como a *norma normata* da igreja cristã, uma vez que esses documentos, tendo o testemunho bíblico sobre Cristo como padrão, resumem o que é a ortodoxia evangélica.

Para mim, é uma grande responsabilidade confessar a fé cristã no Brasil em nossos dias. Como Philip Jenkins escreve: “Nos últimos cem anos, o centro de gravidade do mundo cristão deslocou-se inexoravelmente para o Sul, para a África, a Ásia e a América Latina. Já em nossos dias, as maiores comunidades cristãs do planeta encontram-se na África e na América Latina.” De acordo com Jenkins, o perfil dessas novas igrejas, será o de “uma fé pessoal profunda [em Jesus Cristo como o Filho de Deus e o Messias] e uma ortodoxia comunal”, assim como uma forte ênfase sobre a obra do Espírito Santo, baseada “na clara autoridade das Escrituras”. Em outras palavras, ainda que haja em nosso país alguns segmentos influenciados pela natimorta teologia liberal, “no futuro previsível, porém, a corrente dominante do cristianismo mundial emergente será tradicionalista, ortodoxa e voltada para o sobrenatural.”² Portanto, este livro é oferecido humildemente neste contexto de crescimento da fé cristã em nosso país, para que Deus seja glorificado “por causa da obediência que confessais quanto ao evangelho de Cristo” (2Co 9.13). Temos a confiança de que esta obra ajudará os leitores a guardar firmes “a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel” (Hb 10.23 [ARA]).

Agradeço a Kenneth Lee Davis, diretor-executivo de Edições Vida Nova, por sugerir e estimular a publicação desta obra, assim como a Jonas Madureira, editor de Edições Vida Nova, pelo seu ótimo trabalho de revisão e edição. Preciso dizer que o texto ficou melhor por conta da ajuda desse amigo. Agradeço ao amigo Tiago José dos Santos Filho, que gentilmente leu o manuscrito, oferecendo valiosas sugestões e reparos. Sou agradecido a Juan Carlos Martinez Pinto, da Editora Hagnos, Cláudio A. B. Marra, da Editora Cultura Cristã, Renato Fleischner, da Editora Mundo Cristão e Sônia Freire Lula Almeida, da Editora Vida, por sua bondosa permissão para usar tabelas e gráficos de obras publicados por essas editoras. Sou especialmente grato a

¹Karl Barth, *Esboço de uma dogmática*. São Paulo, Fonte Editorial, 2006, p. 7,13.

²Philip Jenkins, *A próxima cristandade: a chegada do cristianismo global*. Rio de Janeiro, Record, 2004, p. 15-32.



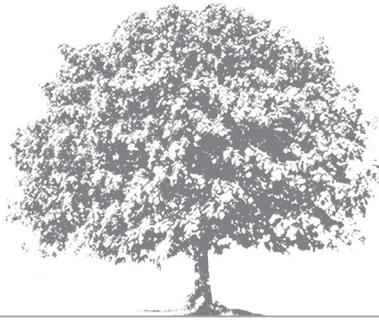
Deus por minha esposa, Marilene, e por minha filha, Beatriz, pela constância do amor, apoio e conforto em todo o tempo.

Vários destes capítulos nasceram de aulas oferecidas em seminários teológicos, institutos bíblicos e igrejas. Os capítulos que tratam da revelação e de Deus foram ministrados no Seminário Teológico Batista Intensivo, em Teresina, Piauí, em 2008. Os capítulos que tratam da pessoa e obra de Cristo e do Espírito Santo foram ministrados na Igreja Presbiteriana da Gávea, na cidade do Rio de Janeiro, em 2009 e 2010. E o capítulo sobre a igreja foi lecionado no Centro de Estudos Teológicos do Vale do Paraíba, em São José dos Campos, São Paulo, em 2010. Sou muito grato pela proveitosa interação e pelos questionamentos dos que participaram desses encontros.

Essas exposições foram oferecidas com a convicção de que o Deus, que se revela nas Escrituras, está além da especulação humana. Somente por meio do Espírito Santo, que inspirou as Escrituras, é possível fazer teologia. Assim, sem o auxílio da bendita pessoa do Espírito da vida, a teologia se torna um fim em si mesma, irrelevante para a comunidade da fé. Afinal, é o Espírito Santo que, de forma soberana e graciosa, nos conduz ao evangelho, à Boa-Nova do único e suficiente salvador, o eterno filho de Deus, Jesus Cristo, nosso Senhor. Pois, como João Calvino escreveu, “sem o evangelho todos somos inúteis... toda riqueza é pobreza... toda sabedoria é loucura perante Deus... Mas pelos conhecimentos do evangelho, nós somos filhos de Deus..., irmãos de Jesus Cristo.”³

Veni Creator Spiritus
Franklin Ferreira

³ João Calvino, “Epístola a todos os que amam a Jesus Cristo e seu evangelho: Primeiro prefácio — Novo Testamento (1535)”, em Eduardo Galasso Faria (ed.), *João Calvino: textos escolhidos*. São Paulo, Pendão Real, 2008, p. 23.



Introdução ao estudo sistemático da teologia cristã

A disciplina denominada teologia sistemática trata de questões que são vitais para a igreja cristã. Sua proposta é “lidar com a totalidade da revelação, e classificar os detalhes segundo seu lugar no todo”.¹ Importantes temas teológicos (*loci theologici*), tais como a suficiência das Sagradas Escrituras, a total corrupção da natureza humana, o testemunho de que a morte de Cristo na cruz é o único meio de expiação para o pecado do homem, a justificação pela graça recebida somente pela fé, a necessidade da conversão do coração como resultado de uma nova criação operada pelo Espírito Santo e a ligação inseparável entre a fé verdadeira e a santidade pessoal, são elaborados por essa disciplina e confessados pela igreja. Nesse sentido, podemos afirmar que a teologia sistemática é a mais importante das disciplinas teológicas, uma vez que ela lida diretamente com algumas das questões mais importantes de nossa existência.

Mas, afinal, o que é “teologia sistemática”? Além de responder a essa pergunta, este capítulo introdutório tratará de outras questões importantes que surgem no estudo da teologia cristã. Perguntas como: Por que é necessário que a teologia sistemática se relacione com outras importantes disciplinas teológicas, como as matérias bíblicas, históricas e pastorais? O que é “cosmovisão”? Por que nossa cosmovisão sempre é construída a partir de

¹Helmuth Thielicke, *Recomendações a jovens teólogos e pastores*. São Paulo, SEPAL & Recife, SETE, 1990, p. 48.

nossos pressupostos? Qual é o papel que os nossos pressupostos exercem na interpretação das Escrituras e da criação? Por que é tão importante estudar teologia sistemática? Enfim, esses são apenas alguns dos temas que serão tratados nesta seção introdutória.

O QUE É “COSMOVISÃO”?

Antes de começarmos nosso estudo sobre a teologia sistemática, precisamos considerar brevemente o que vem a ser cosmovisão (*Weltanschauung*).² Como já foi dito, o alvo desse estudo não é oferecer um estudo amplo da teologia sistemática, mas apresentar uma porta de entrada para o estudo dessa disciplina. Para tanto, é necessário falar primeiro sobre o que significa “cosmovisão”, e qual é a relação que existe entre a teologia sistemática e a cosmovisão cristã.

De forma bem simples, pode-se dizer que “cosmovisão” é a nossa visão de mundo. “Uma cosmovisão é um comprometimento, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expressa como uma história ou um conjunto de pressuposições (hipóteses que podem ser total ou parcialmente verdadeiras ou totalmente falsas), que detemos (consciente ou subconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a constituição básica da realidade e que fornece o alicerce sobre o qual vivemos, movemos e possuímos nosso ser”.³ Em outras palavras, cosmovisão é um conjunto de crenças básicas que se tornam nosso quadro de referência por meio do qual interpretamos, organizamos e vivemos nossas vidas. É necessário deixar claro que todas as pessoas têm uma cosmovisão. Se ela é bem articulada ou contraditória, se é consistente ou ilógica, isso é outra questão. Fato é que todos têm uma cosmovisão. E a maior evidência disso é que constantemente interpretamos os eventos ou as realidades que acontecem ao nosso redor a partir dos pressupostos que constituem nossa cosmovisão.

Aqui é necessária uma palavra de cautela: não existem fatos ou dados neutros. Muitas vezes *pressupomos* que os acontecimentos ao nosso redor, e

²Para a história do conceito de *Weltanschauung* (traduzido em inglês como *worldview* e em português como *cosmovisão*), cf. Rodolfo Amorim Carlos de Souza, “Cosmovisão: evolução do conceito e aplicação cristã”, em Cláudio Antônio Cardoso Leite, Guilherme Vilela Ribeiro de Carvalho e Maurício José Silva Cunha (org.), *Cosmovisão cristã e transformação: espiritualidade, razão e ordem social*. Viçosa, Ultimato, 2006, p. 39-55.

³James W. Sire, *O universo ao lado; um catálogo básico sobre cosmovisão*. São Paulo, Hagnos, 2009, p. 16. De acordo com Sire, uma cosmovisão pode ser expressa por questões como: O que é a realidade primordial, ou seja, o que é realmente verdadeiro? Qual a natureza da realidade externa, isto é, do mundo que há ao nosso redor? O que é o ser humano? O que acontece a uma pessoa quando ela morre? Por que é possível conhecer alguma coisa? Como sabemos o que é certo e errado? Qual é o significado da história humana? (p. 19-21).



mesmo os textos que lemos, são autointerpretáveis, isto é, *supomos* que nossa interpretação deles tem um significado unívoco e inquestionável.⁴ Raramente lembramos que muitas vezes confundimos nossa interpretação — tomada como unívoca — com o fato ou com o texto em si. Só que a construção de nosso conhecimento e de nossa interpretação da vida não é tão simples assim. Interpretamos o mundo não a partir dos fatos, mas a partir dos pressupostos.⁵ Já chegamos aos textos que lemos e aos fatos ao nosso redor com uma série de pré-compreensões ou hipóteses — verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou falsas, conscientes ou inconscientes, coerentes ou incoerentes — que são comumente chamadas de pressupostos.⁶

Todas as pessoas têm seus pressupostos, e elas vão viver de modo mais coerente possível com estes pressupostos, mais até do que elas mesmas possam se dar conta. Por pressupostos entendemos a estrutura básica de como a pessoa encara a vida, a sua cosmovisão básica, o filtro através do qual ela enxerga o mundo. Os pressupostos apoiam-se naquilo que a pessoa considera verdade acerca do que existe. Os pressupostos das pessoas funcionam como um filtro, pelo qual passa tudo o que elas lançam ao mundo exterior. Os seus pressupostos fornecem ainda a base para seus valores e, em consequência disto, a base para suas decisões.⁷

⁴Desde já, é necessário deixar bem claro que nossa reflexão está rigorosamente alinhada com o testemunho das próprias Escrituras, de que elas são inspiradas por Deus, sem erro em tudo o que se afirma nelas, e que têm uma mensagem unívoca. Não acredito que haja a possibilidade de múltiplas interpretações das Escrituras. Só há uma única mensagem no texto bíblico, aquela intencionada pelo Senhor Deus, que se serviu dos autores humanos para registrar a revelação que ele faz de si mesmo no texto bíblico. Mas, não poucas vezes, supomos que nossa interpretação pessoal é infalível e sem erro, quando na verdade é somente a Escritura que é inerrante. Por outro lado, muitas vezes presumimos que as verdades presentes no texto bíblico são autoevidentes, podendo ser entendidas sem maiores esforços interpretativos, sem recorrer às doutrinas cristãs, e sem um árduo estudo léxico e histórico de determinado livro ou passagem. O que ocorre muitas vezes é que, ao negligenciar tal esforço, impomos ao texto bíblico nossas próprias pressuposições, em vez de, pelo contrário, nos aproximarmos do texto bíblico com as pressuposições que o próprio texto nos exige. Essa postura submissa aos pressupostos do texto bíblico é fundamental para compreendermos as proposições que são reveladas no próprio texto. Só assim poderemos nos tornar obedientes às conclusões deduzidas ou inferidas exclusivamente a partir das Escrituras. Para a relação entre teologia sistemática e exegese, cf. especialmente Moisés Silva, “Em favor da hermenêutica de Calvino”, em Walter C. Kaiser Jr. & Moisés Silva, *Introdução à hermenêutica bíblica*. São Paulo, Cultura Cristã, 2002, p. 242-261.

⁵Cf. especialmente Davi Charles Gomes, “*Fides et Scientia*: indo além da discussão de ‘fatos’”, em Franklin Ferreira (ed.), *A glória da graça de Deus: ensaios em honra a J. Richard Denham Jr.*, São José dos Campos, Fiel, 2010, p. 191-207.

⁶Para uma introdução a esse assunto, recomendo a trilogia de Francis Schaeffer, *O Deus que intervém*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, *A morte da razão*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002 e *O Deus que se revela*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, além de *Como viveremos?*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

⁷Francis Schaeffer, *Como viveremos?*, p. 11.

São nossos pressupostos que nos guiarão não apenas na interpretação de praticamente tudo que está diante de nós, mas também na forma como interpretamos esses fatos: Há alguma *coerência* ou mensagem de apelo universal naquilo que lemos? Há alguma *lógica* que explique o que ocorre ao nosso redor? Ou os fatos da vida são desconexos, sem ligação entre si, e a vida não passa de uma paródia grotesca ou um grande absurdo? É verdade que o significado de um texto só encontra lugar em seu significado *para mim*, sem importar o significado autoral e a própria história do texto? Ou será que existe a possibilidade de descobirmos o real e único significado de um determinado texto?

O uso das palavras *lógica* e *coerência* é intencional, pois é a partir da busca por uma lógica ou coerência de nossos pressupostos que estabelecemos algum tipo de padrão de interpretação do que ocorre ao nosso redor. A partir dos pressupostos cristãos, afirmamos que há uma ordem na criação, por isso aplicaremos regras elementares da lógica subordinada à revelação e santificada em nossa interpretação do mundo. Justamente o contrário dos não cristãos que acabam dependendo mais de sua intuição, de suas experiências místicas ou daquilo que Martinho Lutero chamou de “porca razão”, a razão autônoma, que supõe poder interpretar o mundo a partir de si mesma, sem referência a nada além dela, muito menos ao Deus transcendente que se revela na Escritura.⁸

Diante do que foi ilustrado anteriormente, podemos concordar com a seguinte afirmação:

Quer tenhamos ou não a intenção de fazê-lo, quer gostemos ou não, todos nós lemos o texto conforme interpretado por nossas pressuposições teológicas. Aliás, o argumento mais sério contra a ideia de que a exegese deve ser feita independente da teologia sistemática é que tal ponto de vista é irremediavelmente ingênuo. A mera possibilidade de entender qualquer coisa depende de nossas estruturas anteriores de interpretação. Se observarmos um fato que faz sentido para nós, é simplesmente porque conseguimos encaixá-lo dentro de um conjunto complexo de ideias que assimilamos anteriormente.⁹

Na tabela a seguir, apresentamos as principais cosmovisões presentes na cultura brasileira, quais pressupostos são deduzidos delas e como influenciam a interpretação bíblica na comunidade evangélica:

⁸Para a relação entre a revelação e a fé em Lutero, cf. Timothy George, *Teologia dos reformadores*. São Paulo, Vida Nova, 1994, p. 59-60.

⁹Moisés Silva, “Em favor da hermenêutica de Calvino”, p. 255.



Cosmovisão	Pressupostos principais	Influência sobre a leitura da Escritura
<p>Catolicismo: Religião que: reconhece o Papa como autoridade máxima; confirma e reforça a graça por meio dos sacramentos; venera a Virgem Maria e os santos; aceita a tradição como verdade incontestável e fundamental; e tem como ato litúrgico mais importante a missa.</p>	<p>a) A salvação ocorre pela cooperação entre a fé e o amor. b) A salvação é recebida de forma mecânica. c) Fé e razão são colocadas em oposição. d) Visão hierárquica e dualista da criação. e) Outros mediadores assumem o lugar de Cristo na redenção e espiritualidade.</p>	<p>a) Ênfase em ativismo religioso. Práticas de sacrifícios, legalismo, jejum como penitência, etc. b) A Bíblia não é a única e suficiente revelação de Deus. c) Distinção entre sagrado e profano. Uma visão fragmentada da vida e da cultura que acaba abrindo espaço para irracionalismo e gnosticismo. d) Exclusão do uso da razão, o que enfraquece a teologia e a ética e resulta em ações baseadas na premissa de que “os fins justificam os meios”. e) Ênfase em métodos para o crescimento devocional e eclesial. f) Transformação de pastores em uma classe sacerdotal.</p>
<p>Espiritismo (kardecismo): Doutrina baseada na crença na reencarnação da alma e na existência de comunicação, por meio da mediunidade, entre vivos e mortos, entre os espíritos encarnados e os desencarnados.</p>	<p>a) A história é cíclica. b) A salvação ocorre pelas obras. c) O homem é bom, não existe nenhuma dimensão de pecado original e pessoal. d) A revelação ocorre por meio da mediação de seres espirituais.</p>	<p>a) Interesse obsessivo pelo sobrenatural, especialmente pelas questões ligadas à ação demoníaca; o diabo é culpado por todo desvio moral. b) “Superspiritualidade” externa e legalista. Qualquer dimensão lúdica é vista como pecaminosa. Tudo é proibido. Só quem é capaz merece misericórdia e compreensão. c) Cristianismo centrado no homem. A igreja torna-se um supermercado de milagres. Todo desvio moral é culpa do diabo. d) Ênfase em novas revelações espirituais. e) Ênfase em ação social para merecer a salvação.</p>
<p>Animismo (religiões africanas): Sistema de crenças em que se atribui espiritualidade ou divindade a seres vivos, objetos inanimados e fenômenos naturais.</p>	<p>a) Existe um Deus Criador, mas este não se importa com o ser humano. b) O mundo é permeado por uma energia impessoal que pode ser manipulada pelo xamã. c) Todos os elementos no universo (sejam inanimados ou animados) possuem uma dimensão espiritual, uma alma ou consciência cósmica. d) Existem muitos espíritos, bons e maus, que exercem influência ou controle sobre os seres humanos.</p>	<p>a) A motivação do culto deixa de ser a adoração a Deus, e passa a ser o momento da semana em que buscamos recarregar-nos dos bons fluidos vindos de Deus. Não precisamos nos preocupar com o próximo. b) Ênfase na utilização de fetiches para focalizar a fé e o poder dos espíritos. c) Ênfase numa “verdade” esotérica reservada apenas aos líderes religiosos. d) A criatura toma o lugar do Criador ou funde-se com ele. e) Cultos e ritos de possessão dos adeptos pelos espíritos.</p>
<p>Ateísmo: Sistema filosófico que: nega a existência de Deus; afirma que o universo existe como uma uniformidade de causa e efeito num sistema fechado; e aspira à objetividade científica.</p>	<p>a) Completa negação da transcendência. Ênfase no imanentismo. b) Antisobrenaturalismo. c) Ser humano finito é o critério último da verdade. d) O mal moral é relativo à percepção social ou individual. e) Existencialismo, fenomenologia ou marxismo (entre outros) como a chave para a interpretação da realidade.</p>	<p>a) Ênfase numa “interpretação científica” da Bíblia: os métodos histórico-críticos são a única ferramenta que pode descobrir a mensagem do texto. b) Negação da inspiração das Escrituras, da encarnação, da morte expiatória, da ressurreição. Os milagres são negados ou reinterpretados. c) As doutrinas cristãs se tornam apenas símbolos ou metáforas. d) Ética situacional e relativista. e) Universalismo.</p>

Em suma, somos todos dependentes de nossos pressupostos ou sistemas de crenças. Aquilo que cremos, aqueles axiomas básicos que todos temos, determinará toda nossa interpretação das Escrituras, do mundo e até mesmo de afetos e experiências — e isso fica evidente em eventos decisivos de nossa vida, como nascimentos, casamentos, festas religiosas e, especialmente, ritos fúnebres. No fim, todo ser humano se apega a algum conjunto de paradigmas, sejam ídolos, ideologias, hermenêuticas ou ciência para tentar dar algum sentido às suas experiências. Portanto, não é vergonha para o cristão o agarrar-se a fé somente em Cristo (Rm 1.16-17).

Então, o que nos impede de afirmar que todo nosso esforço de compreensão é relativo e transitório, uma vez que se baseia em pressupostos ou axiomas? Por um lado, a própria contradição evidente na afirmação de que todo nosso esforço de compreensão é relativo. Por outro, a coerência interna da cosmovisão que torna verdadeiro um sistema de crença. Há possibilidade de termos uma cosmovisão verdadeira e coesa, quando há uma ligação intrínseca e coerente entre pressupostos, lógica e interpretação, dados e fatos e a experiência cotidiana. Jesus Cristo afirmou exatamente isto: “O meu ensino não vem de mim, mas daquele que me enviou. Se alguém quiser fazer a vontade de Deus, saberá se esse ensino é dele, ou se falo por mim mesmo” (Jo 7.16,17). Por fim, somente o cristianismo pode afirmar a coerência entre pressupostos, fatos e experiência, porque Deus não apenas criou os fatos, mas oferece a interpretação desses mesmos fatos. O não cristão não consegue perceber isso, vivendo sempre na crise de experimentar e não conseguir justificar intelectualmente suas experiências. Portanto, para o cristão, o dilema epistemológico está resolvido da mesma forma simples que se ensina a uma criança, dizendo: “Cristo me ama, pois assim a Bíblia o diz”.

Por isso, devemos afirmar que o cristianismo é muito mais do que a adesão a algumas doutrinas tomadas isoladamente ou a um mero comportamento moralista; o cristianismo é uma cosmovisão. A fé cristã afirma a necessidade de abraçarmos, com todo nosso coração, certos pressupostos, que determinarão como interpretaremos as Escrituras e a criação. E não apenas isso, mas esses pressupostos determinarão nosso culto, nosso viver diário, nossa postura diante de dilemas morais e nossa conduta ao passarmos por nossos dramas cotidianos. Colocando de outra forma, a construção de uma cosmovisão cristã coerente depende de pressupostos claramente cristãos.

O PAPEL DOS PRESSUPOSTOS NA FÉ CRISTÃ

Cornelius van Til (1895-1987) foi um dos primeiros escritores cristãos a propor uma argumentação pressuposicional. Como Harold Brown nota, essa abordagem reconhece que nenhum fato, histórico ou não, pode

Teologia é o estudo sobre Deus e sobre como ele se relaciona com suas criaturas. E a Bíblia é a principal fonte desse conhecimento. Por essa razão, todos nós devemos ser estudiosos das Escrituras.

Cumprindo sua missão de levar conhecimento e preparo teológico a todo o povo de Deus, Edições Vida Nova têm o prazer de apresentar o **Curso Vida Nova de Teologia Básica**. Voltado para leigos, é um curso perfeito para leitores que desejam conhecer um pouco de teologia numa linguagem informal, instrumental e não acadêmica. O material é altamente didático, informativo e de fácil assimilação.

Este volume, **Teologia Sistemática**, fornece respostas a perguntas como estas:

- *O que é revelação geral? E revelação especial?*
- *O que diz a teologia sobre Deus?*
- *Como a teologia entende o pecado?*
- *O que ensina sobre a pessoa e a obra de Cristo?*
- *O que diz sobre a vida no Espírito Santo?*
- *O que significa a comunhão dos santos?*
- *O que diz a teologia sobre a vinda de Cristo?*

Aproveite o **Curso Vida Nova de Teologia Básica**. Numa época em que se propagam tantas falsas doutrinas, nosso desejo é que este livro possa de fato ser um poderoso instrumento para a compreensão, a divulgação e o ensino das doutrinas centrais da fé cristã.

Este livro foi publicado anteriormente sob o título *Teologia Cristã: uma introdução à sistematização das doutrinas*.



FRANKLIN FERREIRA é bacharel em Teologia pela Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie e Mestre em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. É diretor e professor de teologia sistemática e história da igreja no Seminário Martin Bucer, em São José dos Campos, São Paulo. Autor do livro *Teologia Sistemática* em coautoria com Alan Myatt, publicado por Edições Vida Nova.